

A FEMINILIDADE SOB A PERSPECTIVA MASCULINA EM *HERLAND*, DE CHARLOTTE PERKINS GILMAN.

Danieli Dantas de Medeiros ¹
Nirvana da Conceição Santos Oliveira ²
Sammuel de Azevedo Souto ³
Giovane Alves de Souza ⁴

RESUMO

Este artigo explora como a feminilidade é compreendida sob a ótica masculina em *Herland* (1915), de Charlotte Perkins Gilman. De modo a colaborar com o suporte teórico, traremos Bourdieu (2012), Butler (1990), Matiolevitz (2018), dentre outros. Inicialmente, abordaremos sobre a autora e o viés feminista encontrado em suas obras. Em seguida, trataremos outros aspectos como a maternidade, a feminilidade, o contexto histórico e a sociedade utópica encontrados na obra em questão. Com base nisso, examinaremos a obra com o propósito de evidenciar a perspectiva masculina sobre as mulheres encontradas nessa civilização, como elas são opostas ao conceito de feminilidade que a sociedade patriarcal possui. Esse estudo se pauta na surpresa e na frustração de três cientistas exploradores, Van, Jeff e Terry, ao se depararem com uma sociedade oposta ao domínio masculino, independente, livre de subjugação e regida pelo matriarcado e pela sororidade: a Terra das Mulheres.

Palavras-chave: Feminilidade, Literatura Feminista, Sociedade, Matriarcado.

INTRODUÇÃO

Separada do mundo afora, a sociedade utópica⁵ encontrada em *Herland*, de Charlotte Perkins Gilman é ocupada apenas por mulheres, unidas e autossuficientes. Nesta civilização, as mulheres são responsáveis por construir uma terra composta por riquezas e virtudes, que são suficientes para que vivam em um local de paz, fartura e sabedoria.

¹ Graduanda em Letras com habilitação em Língua Inglesa pela Universidade Estadual da Paraíba – Campus I. E-mail: danieli.medeiros@aluno.uepb.edu.br

² Graduanda em Letras com habilitação em Língua Inglesa pela Universidade Estadual da Paraíba – Campus I. E-mail: nirvana.oliveira@aluno.uepb.edu.br

³ Graduando em Letras com habilitação em Língua Inglesa pela Universidade Estadual da Paraíba – Campus I. E-mail: sammuel.souto@aluno.uepb.edu.br

⁴ Orientador, Mestre em literatura pelo Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade (PPGLI) da Universidade Estadual da Paraíba (2021). Especialista em Ensino de Línguas e Literaturas na Educação Básica (2022). Graduado em Letras com habilitação em Língua Inglesa pela Universidade Estadual da Paraíba (2018). E-mail: giovaneuepb1@gmail.com

⁵ No sentido geral, o termo é usado para denominar construções imaginárias de sociedades perfeitas, de acordo com os princípios filosóficos de seus idealizadores. Utopia foi um país imaginário, criação de *Thomas Morus*, escritor inglês (1480-1535), onde um governo, organizado da melhor maneira, proporciona ótimas condições de vida a um povo equilibrado e feliz.

Publicada em 1915, *Herland* apresenta uma sociedade regida pelo matriarcado, sendo inserida no gênero utópico, por trazer uma sociedade matriarcal em sua narrativa, principalmente quando pensamos na época em que foi escrita – durante a Primeira Guerra Mundial. Nascida em Connecticut, nos Estados Unidos, Gilman era uma escritora e ativista que se envolveu nas lutas pelos direitos das mulheres, apresentando obras que ecoam até os dias atuais com as suas provocações sobre a oposição ao domínio masculino, a igualdade entre os sexos e a independência e autonomia das mulheres. Vivendo em uma época em que as mulheres desempenhavam papéis maternais e dentro de um matrimônio, Gilman busca ajustar sua sociedade em *Herland* a um país organizado por e pelas mulheres, sem estereótipos, sem a influência de homens, sem competições e sem guerras.

Um espaço conduzido pela harmonia, isolado da ordem patriarcal e livre da pobreza: essa é a Terra das Mulheres. Explorada por três amigos cientistas e narrada pela perspectiva masculina de um deles, Vandyck, esse país é composto por mulheres notáveis que são peritas em higiene, saúde, botânica e saneamento, conhecedoras de história, geografia, ciências e especialistas em todas as áreas necessárias para manter a terra em perfeitas condições. A utopia em *Herland* é baseada na igualdade dos bens, nas funções sociais compartilhadas entre as habitantes, que por sua vez, trabalham em prol do seu país, como aponta Matiolevitz (2018).

De início, somos apresentados ao porta-voz da história: Vandyck. Van era um sociólogo e a sociologia é um estudo aplicável às mais diversas áreas de conhecimento, portanto, Van era mais receptivo e estava sempre em busca de conhecimento. Assim sendo, a Terra das Mulheres era a maior das descobertas sociológicas que ele poderia ter, e por essa capacidade de abraçar o “novo”, ele acaba funcionando como um meio-termo, a ponte entre dois extremos sobre a feminilidade da forma que era conceituada à época.

E, nesses extremos, encontramos Jeff e Terry. Jeff é descrito como um amante da botânica e poeta, talvez por este último hobby Jeff trouxesse pontos de vista um tanto adocicados e até um tanto ilusórios quanto a realidade, sempre “romantizando” os acontecimentos e até tendo as mulheres daquele lugar como “deusas”.

Por outro lado, temos Terry que se mostra relutante em aceitar a terra das mulheres. Não obstante, era chamado de Velho Nick, algo que depois descobrimos ir além do que se imagina, mais um complexo de ideologias e crenças remetentes ao período, mas muito mais enraizados nele do que em seus companheiros. Podemos apenas explicar que a aversão ao diferente estava mais centrada em Terry, e que, para ele, reconhecer a validade do que se apresentava diante de si era algo que ele dificilmente se permitiria.

Esses personagens irão notar que a sociedade governada pelas mulheres em *Herland* é unificada e composta não apenas pela maternidade, mas também pela sororidade⁶. A sociedade foi se desenvolvendo de acordo com a proliferação das gerações de mulheres, geradas de forma assexual, que começou com a Primeira Mãe e virou uma nova raça. A ligação dessas mulheres é tão forte que, mesmo com a chegada dos três exploradores, a genuinidade delas prevalece, e a ideia de irmandade é mostrada de uma maneira extremamente valorizada por elas. A educação é de enorme importância para as habitantes dessa terra. Passados de geração para geração, seus saberes possibilitam a união futura, garantem a solidariedade e a autonomia dessas mulheres.

Nosso objetivo principal é demonstrar a visão que os personagens masculinos têm da feminilidade em *Herland*, além de outros aspectos como a maternidade e o contexto histórico em que a obra foi desenvolvida. Em nossas pesquisas recolhemos trechos sobre os aspectos mencionados anteriormente de livros teóricos, artigos científicos entre outros instrumentos que se encaixam com os pontos específicos mostrados na obra estudada. Citamos autores que tratam do tema proposto por esse artigo como, Bourdieu (2012), Butler (1990) e Matiolevitz (2018) para dar suporte ao nosso trabalho.

A FEMINILIDADE EM *HERLAND*

Charlotte Perkins Gilman, artista da primeira onda do feminismo, se interessava pela ideia da maternidade e o que ela representava. “Para a autora, o instinto maternal não deve ser uma suposta função biológica que encarcera a mulher a um papel social, mas, do contrário, deve ser algo construído com o suporte de todos: da família, das leis e da economia” (FERNANDES; OLIVEIRA; RIBEIRO, 2017). Levando em consideração que Gilman teve diversos problemas para se adaptar a maternidade, principalmente naquela época, era comum que houvesse um julgamento, e isso é evidente na surpresa de Vandyck e os seus dois amigos, quando percebem que apenas as mulheres com maior competência são aptas a gerar uma filha.

Enquanto na realidade os homens dominavam as mulheres e elas, por sua vez, transmitiam o papel de mães e donas de casa silenciadas, em *Herland*, representa-se a injustiça da subjugação feminina na sociedade dita civilizada, onde o papel da mulher surge como instrumento de liberdade e liderança. Na narrativa, as mulheres valorizam uma espécie de maternidade compartilhada, cuidam de todas as meninas, e todas são amadas por igual. Como aponta Matiolevitz, 2018:

⁶ União de mulheres que compartilham os mesmos ideais e propósitos, normalmente de teor feminista, sendo caracterizada pelo apoio mútuo evidenciado entre essas mulheres.

Só as mulheres com certa capacidade são eleitas para gerar as crianças; já no que se refere a educá-las, é uma missão de todo o grupo. Este é um tema que arrasta-se ao longo do romance devido à dificuldade dos prisioneiros em entendê-lo, pois no “nosso” mundo isso é um direito de todas as mulheres, praticamente a principal função da mulher numa sociedade patriarcal, criar e educar os filhos (MATIOLEVITCZ, 2018).

A autonomia das mulheres em *Herland* é sempre citada pelos exploradores. Vandyck, o narrador, é um sociólogo curioso e astuto, que observa tudo de forma crítica, se interessa pelos saberes das mulheres e pela construção daquele lugar. Toda a narrativa é descrita pela sua perspectiva, e ele possui uma mente aberta para compreender sem julgar, apesar de seus amigos não estarem avançados o suficiente para aceitar aquela sociedade, o que fica evidente nas reações de Terry – um dos exploradores – que visualiza as mulheres padronizadas como futuras mães e donas de casa, carrega preconceitos e visões machistas e não entende como essas mulheres podem não precisar dos homens, ou pior, não se sentirem atraídas por eles. Para Terry, é impossível que as mulheres possam ter construído um país harmonioso, sem competirem umas com as outras, sem o papel da paternidade e sem um homem sequer.

Talvez um dos mais importantes aspectos feministas seja o fato de que as mulheres de *Herland* se reproduzem sem a ajuda dos homens. Esta característica do romance ajuda a criar uma sociedade de mulheres realmente autossuficientes que nossos narradores não conseguem entender. Isso torna essas mulheres super-humanas em certo sentido. A raça masculina é desnecessária para a existência deles. Eu acredito que esta história foi contada com o objetivo de fazer com que os papéis de gênero da maioria do mundo se pareçam com jogos infantis. É claro que esta história teve como objetivo mostrar que as mulheres eram e são seres humanos autoportantes e não objetos a serem possuídos e mantidos (SIMONE, 2016 *apud* MATIOLEVITCZ, 2018).

De acordo com Beraldo (2018), a feminilidade, que ainda é um conceito bastante questionável nos estudos feministas, é definida de maneira tendenciosa dentro de uma sociedade patriarcal, e o tópico sobre o que é ser ou parecer mulher vem sendo muito debatido desde as primeiras ondas feministas.

Quando tratamos sobre a obra *Herland*, notamos que os personagens Terry e Jeff não aceitam diversas características encontradas nas mulheres dessa sociedade. Não apenas na personalidade, mas também, na aparência. “Se o cabelo delas fosse longo – Jeff reclamava – seriam tão mais femininas” (GILMAN, 1981, p. 51). Reparamos o que convém à arte de se mostrar feminina.

Essa aprendizagem é ainda mais eficaz por se manter, no essencial, tácita: a moral feminina se impõe, sobretudo, através de uma disciplina incessante, relativa a todas as partes do corpo, e que se faz lembrar e se exerce continuamente através da coação quanto aos trajes ou aos penteados. Os princípios antagônicos da identidade masculina e da identidade feminina se

inscrevem, assim, sob forma de maneiras permanentes de se servir do corpo, ou de manter a postura, que são como que a realização, ou melhor, a naturalização de uma ética (BOUDIEU, 2012, p. 38).

Para Bourdieu, a feminilidade está relacionada ao “fazer-se pequena”, ou seja, a mulher possui gestos e atitudes que são moldados para que pareçam inferiores aos homens. Atitudes que limitam os movimentos, como não ficar de pernas abertas, usar saltos ou saias que impossibilitam certos tipos de atividades. Essas limitações são construídas a partir de como a mulher usa o corpo e suas roupas, que se for uma calça ou sapatos baixos, oferece a mulher um certo “poder”, pois sua postura fica mais relaxada – o que contraria a concepção da feminilidade.

Além da definição explícita das diferenças de vestuário e das famosas “regras de etiqueta”, a feminilidade também passa a ser construída em padrões estéticos que influenciam na conformação dos corpos, para além das roupas, referindo-se a padrões de beleza para cabelos, unhas, sobrancelhas, cílios, pelos, pele e tudo o mais que puder sofrer intervenções da indústria de cosméticos, algo que ser perpetua até os dias de hoje (BERALDO, 2018).

As alegações de Terry também mostram que ele não acredita de maneira alguma na ausência de homens no país. “Sem eles não há diversão, esportes de verdade, competição; mas essas mulheres não são femininas. Sabem que não são. (GILMAN, 1981, p. 82). Eles concordam no quesito “ausência/deficiência” de feminilidade ou “charmes femininos”, como eles chamam. Com exceção de Van, o narrador, que é o único a notar que essa feminilidade é relacionada à masculinidade, e não ao feminino. Que ela serve para agradar os homens. Como aponta Butler, 1990:

Além disso, a concentração no “gene mestre” sugere que a feminilidade deve ser compreendida como presença ou ausência da masculinidade, ou, na melhor das hipóteses, como presença de uma passividade que, nos homens, seria invariavelmente ativa (BUTLER, 1990).

Para os homens, a feminilidade está ligada à uma certa delicadeza, submissão e gentileza, como aponta Bourdieu, 2012:

A dominação masculina, que constitui as mulheres como objetos simbólicos, cujo ser {esse} é um ser-percebido (percipi), tem por efeito colocá-las em permanente estado de insegurança corporal, ou melhor, de dependência simbólica: elas existem primeiro pelo, e para, o olhar dos outros, ou seja, enquanto objetos receptivos, atraentes, disponíveis. Delas se espera que sejam “femininas”, isto é, sorridentes, simpáticas, atenciosas, submissas, discretas, contidas ou até mesmo apagadas. E a pretensa “feminilidade” muitas vezes não é mais que uma forma de aquiescência em relação às expectativas masculinas, reais ou supostas, principalmente em termos de engrandecimento do ego (BOURDIEU, 2012, p. 82).

Em *Herland*, essa visão masculina sobre a feminilidade é presente mesmo antes de os protagonistas entrarem nessa sociedade, podemos ver suas especulações de como seria esse país

das mulheres em uma das muitas conversas enquanto planejavam a excursão. Terry tem uma visão negativa e declara que: “elas brigariam entre si [...] Sempre brigam. Não vamos encontrar espécie alguma de ordem ou organização [...], E também não devemos esperar invenções e progresso; será terrivelmente primitivo”, enquanto Jeff tem uma visão mais puritana, “Está totalmente errado [...] Será como um convento sob a direção de uma abadessa, uma irmandade pacífica e harmoniosa” (GILMAN, 1981, p. 24). E Van constitui o elo de tais opiniões, “Freiras, claro! Suas irmandades pacíficas são todas celibatárias, Jeff, e sob votos de obediência. Essas são apenas mulheres, e mães; onde há maternidade não há irmandade... não muita” (GILMAN, 1981, p. 24), mas podemos perceber que cada um deles tem uma interpretação diferente de como seria uma terra de mulheres.

Ainda muito inicialmente percebemos que o conceito mais extremista parte do personagem Terry, o qual tende a chamar essas mulheres de “castradas” e “sem virtudes femininas” enquanto Van retruca, alegando que elas possuem todas as virtudes, inclusive a virtude da humanidade. No meio dessa discussão, Terry lança: “Não tem modéstia – explodiu Terry – nem paciência, nem submissão, nada da docilidade natural que é o maior charme feminino” (GILMAN, 1981, p. 130). Em seguida, Van retruca que elas possuem a paciência e menos defeitos que qualquer um. Van percebe sua realidade diferente na fala sobre as crianças do seu país e da Terra das Mulheres.

Era tudo delas, à espera de ser conhecido, amado, usado e servido por elas; da mesma forma que nossos menininhos planejam ser “soldados” ou “caubóis” quando crescerem, e nossas meninas pensam em que tipo de casa ou quantos filhos pretendem ter, essas meninas planejavam, de forma livre e feliz, com muita conversa alegre, o que fariam pelo país quando crescessem (GILMAN, 1981, p. 136).

Por fim, Van relata, após um ano vivendo na Terra das Mulheres, após aprender sobre o país, sua história e seus costumes: “Já estávamos acostumados a enxergar mulheres não fêmeas, mas como pessoas; pessoas de todos os tipos, fazendo todo tipo de trabalho”. (GILMAN, 1981, p. 175). Butler questiona Simone de Beauvoir sobre sua frase “ninguém nasce mulher: torna-se mulher” com “Se o gênero está sempre presente, delimitando previamente o que se qualifica como humano, como podemos falar de um ser humano que se torna de seu gênero, como se o gênero fosse um pós-escrito ou uma consideração cultural posterior?” (BUTLER, 1990). Por serem do sexo feminino, os exploradores as viam como uma construção cultural do sexo: o gênero. A categoria de mulher não é necessariamente a construção cultural que foi dada ao sexo, e há maneiras de interpretar culturalmente o corpo sexuado, sem limitar o gênero feminino.

É importante ressaltar a época em que *Herland* foi publicada. Em 1915, o papel da mulher era meramente casar e ter filhos. Se fosse de classe média, ainda tinha a opção de não trabalhar, no máximo, para atender a atividades sociais. Em *Herland*, o papel das mulheres vai em um caminho diferente ao papel social do restante do mundo, pois os seus principais objetivos são em prol do crescimento do país e da educação das filhas. Charlotte Perkins Gilman era uma ativista em nome dos direitos das mulheres, e sua experiência com a maternidade e o matrimônio não foi agradável. *Herland* serviu como base, no início do século XX, para diversas releituras que remetiam o papel feminino na sociedade: não aquele que a sociedade patriarcal considerava ideal, mas o papel de ser humano, que contribui para a formação das pessoas, do ambiente e da cultura que estão inseridas. Suas críticas sociais provocavam a participação das mulheres no papel socioeconômico de uma sociedade.

Os estereótipos problematizados por Gilman são modelos de sistemas de representação limitantes, restringindo a discussão das questões teóricas e práticas à subjetividade. Em tal sentido, a utopia é um instrumento de denúncia dos desejos humanos, explícitos ou implícitos na individualidade e na coletividade; uma forma de resistência ao que está predeterminado, em prol da justiça para todos. Daí a associação corriqueira entre utopia e algo inatingível (MATIOLEVITCZ, 2018).

Sobre a mão de obra não poderia ser diferente. Somos apresentados a essa sociedade composta de mulheres que não esperam ajuda de ninguém, que aprenderam a operar e criar por conta própria utilizando dos recursos disponíveis. É recorrentemente elucidado pelo personagem Van, as formas como elas tratam as suas questões problemáticas, pois, como qualquer organização social, elas detêm de problemas.

O modo como lidam com tais questões é prática, não há menção de desespero, não expressamente, há apenas um reconhecer do que está errado e em seguida a busca para torná-lo melhor. Esse espírito imperturbável acaba frustrando e impressionando os três rapazes, a eles, aquele senso cooperativo era algo incabível para descrever o padrão estabelecido do como ser mulher. A eles, seria muito mais aceitável uma atmosfera de competitividade e desordem entre as mesmas.

Bourdieu nos explica essa dificuldade em compreender a falta desse significado sobre as mulheres:

A ordem social funciona como uma imensa máquina simbólica que tende a ratificar a dominação masculina sobre a qual se alicerça: é a divisão social do trabalho, distribuição bastante estrita das atividades atribuídas a cada um dos dois sexos, de seu local, seu momento, seus instrumentos; é a estrutura do espaço, opondo o lugar de assembléia ou de mercado, reservados aos homens, e a casa, reservada às mulheres (BOURDIEU, 2012, p. 18)

A confusão pode ser compreendida pela falta das características atribuídas à mulher, a qual Bourdieu nos exemplifica como dona do lar. Em vez disso, se deparamos com essa versatilidade feminina, pois além da ausência do que foi dito, existe essa ampliação de deveres que aos três seriam serviços de responsabilidade masculina. Assim, se torna mais claro o choque e mais ainda a estagnação do conceito feminino à época perante o que conhecemos dos anos vindouros ao período e aos dias de hoje.

Reafirmamos isso pela conceituação de dominação masculina trazida pelos personagens masculinos. Mesmo Jeff sendo o que mais aceita estar no país das mulheres depois de anos, o costume dessa superioridade do homem a uma inferiorização do poder feminino ainda é evidente nas ações dele. Em dado momento na história, Jeff está em uma conversa com Celis, que como as demais desenvolve trabalhos braçais, e indignado com a cena Jeff comenta: “Uma mulher não deve carregar nada” (GILMAN, 1981, p. 122). Enquanto a mesma carregava uma cesta de frutas consigo. Porém Celis o questiona o motivo pelo qual ele fez tal comentário, ao passo que a justificativa por ele usada é “porque mulheres são mais fracas”. É claro que até aquele momento, Jeff já detinha de conhecimento sobre as faculdades daquelas mulheres e estava ciente de que de modo algum elas poderiam ser descritas como fisicamente inferiores ou incapazes, porém, esta é apenas mais uma das heranças que a sociedade em que cresceram constituiu sobre as mulheres, da fragilidade, da inaptidão, da vulnerabilidade que as tornavam dependentes de uma imagem masculina para realizar qualquer tarefa, mesmo as mais simples como carregar uma cesta de frutas.

Entretanto, foi por meio destas e de outras comprovações que batiam de frente com as cotações apresentadas por Jeff e seus amigos que Gilman abriu as portas para uma nova interpretação do conceito da feminilidade, não apenas em sua postura, sua aparência, mas também para com as capacidades físicas da mulher para atuar socialmente, demonstrando em sua história homens e mulheres como iguais em questões de inteligência e habilidade, enquanto questionava se o estabelecido estereótipo feminino não estaria ultrapassado ao demarcar o que seria o lugar da mulher.

Além disso, percebemos a importância desses atributos físicos, pois, nos recordamos que tratamos de um período o qual o exercício braçal ou mesmo o mais sutil dos trabalhos não estavam abertos para atuação feminina. Ao apontar esse fato, a autora abre um leque para a possibilidade de as mulheres adentrarem nos serviços braçais e intelectuais e ainda assim não deixarem de serem mulheres.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É importante ressaltar que Charlotte Perkins Gilman foi reconhecida como líder feminista pelas suas lutas pelos direitos das mulheres e suas obras retratavam as mulheres assumindo lideranças, pois ela acreditava que a sociedade patriarcal as oprimia e as impedia de desenvolver as suas capacidades. Além disso, suas ações e estilo de vida não eram condizentes ao que a sociedade considerava ser mulher naquela época. Gilman usou as suas críticas à sociedade para ensinar outras mulheres a lutarem pelos seus direitos, pela igualdade e pela autonomia. Sua influência serviu de base para grandes nomes do feminismo, como Simone de Beauvoir, Betty Friedan, dentre outras, e o seu legado perdura até os dias de hoje com seus ideais à frente do seu tempo.

Os objetivos principais do feminismo são a luta pela liberdade da mulher e a implementação da igualdade entre homens e mulheres de modo a construir-se uma sociedade alicerçada na participação equivalente de ambos os sexos em todos os campos sociais (SOUSA, 2008).

A narrativa de Gilman incentivou não apenas outras mulheres a buscarem sua própria voz, mas serviu também de inspiração para obras posteriores, como “A Mulher Maravilha”, de William Moulton Marston, tendo sua primeira aparição nos quadrinhos em 1941.

Gilman não procurou diminuir a feminilidade da mulher por ter outros atributos, entendidos naquela época como sendo exclusivamente masculinos, pelo contrário, ela incluiu em sua narrativa esses atributos na feminilidade da mulher. Reforçando a igual importância da mulher em habilidades diversas dentro e fora da sociedade. Mesmo sendo uma obra do início do século XX, a narrativa de Gilman nos mostra que, mesmo sendo uma obra utópica, é uma grande crítica social, esclarecendo o papel fundamental da mulher na sociedade.

REFERÊNCIAS

BELLOT, Gabrielle. **The Queer Literary Origins of Wonder Woman**: From Homer and Sappho to Charlotte Perkins Gilman. Literary Hub. 2017. Disponível em: <https://lithub.com/the-queer-literary-origins-of-wonder-woman/> . Acesso em: 20 nov. 2022.

BERALDO, Beatriz. **O que é feminilidade?** Papéis sociais e o feminismo contemporâneo. Felinismo Radical. 2018. Disponível em: <https://medium.com/arquivo-radical/o-que-é-feminilidade-papéis-sociais-e-o-feminismo-contemporâneo-23650c8077f6> . Acesso em: 16 nov. 2022.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 11 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012. 160 p.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade**. 1 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018. 226 p. Disponível em: https://cursosextensao.usp.br/pluginfile.php/869762/mod_resource/content/0/Judith%20Butler-Problemas%20de-gênero.Feminismo%20e%20subversão-da%20identidade-Civilização%20Brasileira-%202018.pdf . Acesso em: 20 nov. 2022.

DACA, Monika. **Female and male solidarity in Charlotte Perkins Gilman's Herland**: Myths deconstructed. Beyond Philology. Gdansk, 2017. 15 p. Dissertação (Doutorado em Filologia) - Universidade de Gdansk. Disponível em: <<https://czasopisma.bg.ug.edu.pl/index.php/beyond/article/view/1862/2099>>. Acesso em: 18 nov. 2022.

FERNANDES, Luísa Bérjami; OLIVEIRA, Silvia Amancio de; RIBEIRO, Ana Cláudia Romano. **O papel das mulheres na utopia**: Herland, de Charlotte Perkins Gilman, e El país de las mujeres, de Gioconda Belli. Morus. 2017, p. 281-294. Disponível em: <http://revistamorus.com.br/index.php/morus/article/view/334> . Acesso em: 3 nov. 2022.

FREUD, S. Feminilidade (1932). *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud – Edição Standard Brasileira*. Rio de Janeiro: Imago, 1996, v.22.

GILMAN, Charlotte Perkins. **Herland, A Terra das Mulheres**. Tradução de L. Ibañez. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora, 1981.

JANKOVSKY, Anna. **Herlands**: imperial feminisms from Charlotte Perkins Gilman to Wonder Woman. DeKalb, 2021. Dissertação (Master of Arts) - Northern Illinois University. Disponível em: <https://www.proquest.com/openview/0f526cadbb1ef711990d5efe0d34a373/1?pq-origsite=gscholar&cbl=18750&diss=y> . Acesso em: 15 nov. 2022.

MATIOLEVITCZ, Cássia Silva. **Herland**: Utopia e Feminismo em Charlotte Perkins Gilman. Tangará da Serra, f. 98, 2018. Dissertação (Estudos Literários) - Universidade do Estado de Mato Grosso, Tangará da Serra, 2018. Disponível em: http://portal.unemat.br/media/files/Dissertacao_final-Cassia%20Silva%20Matiolevitz.pdf . Acesso em: 12 nov. 2022.

SORORIDADE. In: DICIO, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2020. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/sororidade/>>. Acesso em: 12 dez. 2022.

SOUSA, Fátima. **Essencialismo e Construcionismo na Ficção Utópica de Charlotte Perkins Gilman**: Herland e With Her in Ourland. Via Panorâmica. 2008, p. 83-98. Disponível em: <http://aleph.letras.up.pt/index.php/VP/article/viewFile/5378/5055> . Acesso em: 18 nov. 2022.

UTOPIA. In: Significados. 7Graus. Disponível em: <https://www.significados.com.br/utopia/>. Acesso em: 12 dez. 2022.